

**UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO**

**LUÍS ROBERTO MACHADO DE ARAÚJO**

**SÍNDROME DE DOWN: A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA  
E COM A SOCIEDADE DEMONSTRADAS EM UMA  
GRANDE REPORTAGEM DE TV**

BAURU  
2016

**LUÍS ROBERTO MACHADO DE ARAÚJO**

**SÍNDROME DE DOWN: A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA  
E COM A SOCIEDADE DEMONSTRADAS EM UMA  
GRANDE REPORTAGEM DE TV**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. M.<sup>a</sup> Mayra Fernanda Ferreira.

BAURU  
2016

A659s	<p>Araújo, Luís Roberto Machado de</p> <p>Síndrome de Down: a relação com a família e com a sociedade demonstradas em uma grande reportagem de TV / Luís Roberto Machado de Araújo. -- 2016. 62f.</p> <p>Orientadora: Profa. M.<sup>a</sup> Mayra Fernanda Ferreira.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP</p> <p>1. Grande Reportagem. 2. Televisão. 3. Síndrome de Down. 4. Inclusão. I. Ferreira, Mayra Fernanda. II. Título.</p>
-------	---

**LUÍS ROBERTO MACHADO DE ARAÚJO**

**SÍNDROME DE DOWN: A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA E COM A  
SOCIEDADE DEMONSTRADAS EM UMA GRANDE REPORTAGEM  
DE TV**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. M.<sup>a</sup> Mayra Fernanda Ferreira.

Banca examinadora:

---

Profa. M.<sup>a</sup> Mayra Fernanda Ferreira  
Universidade do Sagrado Coração

---

Profa. M.<sup>a</sup> Daniela Pereira Bochembuzo  
Universidade do Sagrado Coração

---

Tânia Regina Assaf Guerra  
Jornalista – Record (Rede Record Paulista)

Bauru, 20 de junho de 2016.

Dedico este trabalho a todas as pessoas com Síndrome de Down e, também, aos seus familiares. Em especial, ao meu pai, minha filha e minha mãe, pelo apoio e compreensão em minha ausência para estudar.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, porque a fidelidade Dele é grande e o Teu amor me constrange. Ele é quem me fortalece todos os dias, me anima, é bom o tempo todo.

Aos meus pais, João Benedito Machado de Araújo e Francisca Vitalino de Araújo, que, através de suas vidas, me ensinaram a amar as pessoas, ser um homem de honra, cheio de caráter e responsabilidades e estarem ao meu lado em todos os momentos.

À minha filha, Vitória Hillary Araújo, por ser um presente de Deus, uma criança amável, compreensiva, educada, que me faz receber muitos elogios por sua postura e comportamento em todos ambientes. Agradeço por todas as cartinhas que me escreveu e me escreve, por me esperar no portão, por ter anotado os nomes de alguns dos autores que fazem parte das referências desta pesquisa, no intuito de querer me ajudar.

Ao meu pai, em particular, por ser um homem com caráter, trabalhador, amável, pelo exemplo de pai, avô, de amigo, de esposo, de ser humano. Agradeço por ter cuidado de mim e de meus irmãos, de minha mãe, nos sustentado com trabalho digno, proventos dignos e pelo amor que tem por todos nós. Agradeço por todas as vezes, quando eu chegava do curso, preparar alimento pra mim.

Ao meu irmão Marcos Roberto Machado de Araújo, que mesmo em suas dificuldades sempre torceu para que eu conseguisse estudar, me apoiando, orando por mim, me ajudando.

Ao meu irmão Silvio Machado de Araújo, que sempre me disse que preciso ser forte e ir à frente mediante as barreiras, dizendo sempre a todos que sente orgulho de ser meu irmão.

Ao meu amigo Antônio Marçal Sobrinho, que sempre me incentivou, me permitindo escrever peças teatrais que eram apresentadas na igreja Batista Nova Esperança, em Bauru-SP. Pelo exemplo de pessoa, com amor ao próximo, respeito, solidariedade. Por me ensinar ser uma pessoa melhor, pelo ombro amigo, orientação, amizade sincera e verdadeira, não só comigo, mas com todos os meus familiares, e à sua esposa, Elizandra de Araújo Marçal, que é um exemplo de garra e determinação, que não faz acepção de pessoas, que está sempre disposta a ajudar ao próximo.

Ao meu primo Magnum Araújo Cortez, que, além de primo, é um grande amigo, me apoiando, acreditando em mim, que voltou a estudar comigo após uma interrupção nos estudos para podermos trabalhar e ajudar nossos familiares.

Ao meu amigo/irmão “cabeça” Marcos Eduardo Fontes Manccini, por orar por mim, acreditar. Por tudo que faz por mim, pelo respeito, consideração, por ser um grande amigo, um exemplo de ser humano, uma pessoa incrível, simples e de bom coração.

À minha amiga e mãe de coração Suzana Dias Mizkuki, pelo amor, carinho, palavras de conforto, oração e crédito.

À minha amiga e irmã de coração Natali Mizuki Trentini, por ser uma pessoa especial em minha vida, me ajudando, muitas vezes preparando alimento em sua casa antes de ir para aula, sendo sempre gentil e amável comigo e com minha filha.

A todos meus familiares, tias, tios, primos, agregados, pessoas que torcem por mim, manifestam carinho e amor, me apoiam, são agradáveis com as palavras.

Às minhas amigas Suelen de Almeida e Nayara Assis Fabiano, que conheci no curso, pelo carinho, amizade, respeito, cumplicidade, nos tornando amigos fora do ambiente acadêmico, pelas surpresas de aniversário, ajuda nos trabalhos em grupo, passeios juntos, choro, risadas e momentos compartilhados.

Ao meu amigo William de Souza Ferreira, por levar lanche no intervalo, me incentivar, ser amigo, por ser uma pessoa humilde, um grande ser humano.

Ao meu amigo Bruno Henrique Carneiro Bueno e sua esposa, Ariele Rodrigues Bueno, por serem grandes pessoas e orarem por mim, me dizerem sempre para não desistir.

À minha professora e amiga Daniela Pereira Bochembuzo, por me ensinar lições de vida, ser uma professora de excelência, pelo preparo, disposição para dar aula e ser um exemplo de pessoa, por acreditar em mim, ser amável, educada, me ajudar nos estudos, valorizar minha história, me apoiar.

À minha professora Mayra Fernanda Ferreira, que se tornou uma amiga, pelo carinho, incentivo, respeito, por toda a ajuda, elogios e orientação neste projeto, se demonstrando solícita em todo momento. Agradeço por me incentivar a não desistir do objetivo social deste projeto, me dando dicas de entrevistados,

Aos professores Marcelo da Silva e Erica de Souza Franzon, pelos elogios, dicas, valorização, apoio e incentivo.

Aos membros da banca, Mayra Fernanda Ferreira, Daniela Pereira Bochembuzo e Tânia Regina Assaf Guerra, por aceitarem o convite para participar deste momento importante, emocionante e inesquecível em minha vida.

Ao técnico Yuri Kufa, que realizou as gravações das entrevistas com dedicação, comprometimento e responsabilidade. Por ser sempre muito educado com os entrevistados, ajudando a deixá-los bem à vontade e ainda foi fundamental para a edição e finalização da grande reportagem, contribuindo com seu talento e profissionalismo.

A todos que dividiram suas histórias, através de suas participações, contribuindo com riqueza para a execução deste projeto. Profissionais, personagens, famílias, o meu muito obrigado!



Um dia, sonhei que entrevistava Deus.  
Perguntei: Pai, qual maior desejo do Teu  
coração? Ele me deu um abraço forte e  
disse: Nunca desista de amar!

(Will Araújo)

## RESUMO

O jornalismo, além de interpretar e traduzir informações precisa dar espaço a quem precisa ser ouvido, além de representar a sociedade com assuntos relevantes como o é a inclusão social. No exercício da função de jornalista, a produção de uma grande reportagem televisiva sobre a relação de pessoas com síndrome de Down com a família e com a sociedade se justifica porque o tema é relevante por se tratar de saúde, considerando que no Brasil existe um número expressivo de pessoas com a síndrome, e por maior e mais acesso que as pessoas tenham aos meios midiáticos, o assunto continua pouco aprofundado e esclarecido nesses meios. O censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) aponta que o país tem 45,6 milhões de pessoas com deficiência e, nessa estatística, está uma grande parte de pessoas com síndrome de Down. Devido a isso, na atuação dos jornalistas como agentes transformadores inseridos nessa sociedade, é de suma importância ter um olhar que passe da habilidade natural, ir além do ver e praticar o enxergar, estar atentos a essas pessoas e levar a sociedade a melhor conhecê-las. Com a finalidade de exercitar essa função, foi utilizada como ferramenta a linguagem televisiva jornalística na produção de uma grande reportagem que é o processo de aprofundar um tema com mais tempo e qualidade, a fim de atingir acuradamente a sociedade, porque a comunicação é uma necessidade básica do ser humano, do homem social. A construção desta grande reportagem foi baseada em pesquisas bibliográficas, que auxiliaram no entendimento do papel do jornalismo e sua função social, além de estudos sobre gêneros jornalísticos e técnicas de entrevistas. Cabe ressaltar que todas as entrevistas foram gravadas em ambiente domiciliar ou profissional dos personagens, para que houvesse um verdadeiro diálogo e cumplicidade entre entrevistador e entrevistado, contribuindo para uma naturalidade na apresentação da temática à sociedade.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Grande Reportagem. Televisão. Síndrome de Down. Inclusão.

## ABSTRACT

Journalism , and interpret and translate information needs to give space to those who need to be heard , and represent the company with relevant issues as it is social inclusion. In the exercise of the journalistic function, the production of a large television report on the relationship of people with Down syndrome with the family and society is justified because the topic is relevant because it is health, whereas in Brazil there are a number expressive of people with the syndrome , and larger and more access that people have to the media means, it is still little depth and clarified in the media. The 2010 census of the IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics) shows that the country has 45.6 million people with disabilities; this statistic is a big part of people with Down syndrome. Because of this, the role of journalists as transforming agents entered this society, it is of paramount importance to have a look that pass the natural ability to go beyond the view and practice see, be alert to these people and bring to society the best know them. For the purpose of exercising this function, it has been used as a tool news television language in the production of a large article which is the process of deepening a subject over time and quality, in order to achieve accurately society because communication is a need basic of human, social man. The construction of this major report was based on bibliographic research that helped in understanding the role of journalism and its social function, and studies of journalistic genres and interview techniques. It should be noted that all interviews were recorded on home or professional environment of the characters, so that there was a real dialogue and complicity between interviewer and interviewee, contributing to a naturalness in the presentation of the theme to society.

**Keywords:** Journalism .Great Report. TV. Down's syndrome. Inclusion.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1	OBJETIVOS.....	12
1.1.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	12
1.1.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	13
1.2	ESTRUTURA DO TRABALHO .....	13
<b>2</b>	<b>JORNALISMO NA TV</b> .....	14
2.1	PRODUÇÃO DA NOTÍCIA.....	17
2.1.1	<b>A equipe</b> .....	20
2.1.2	<b>A pauta</b> .....	22
2.1.3	<b>A entrevista</b> .....	23
2.1.4	<b>A edição</b> .....	25
<b>3</b>	<b>JORNALISMO: O VALOR SOCIAL</b> .....	27
3.1	JORNALISMO SOCIAL E CIDADÃO.....	29
3.2	SÍNDROME DE DOWN .....	30
<b>4</b>	<b>GRANDE REPORTAGEM: SÍNDROME DE DOWN, SOMOS TODOS IGUAIS COM CARACTERÍSTICAS DIFERENTES</b> .....	34
4.1	VEICULAÇÃO DA GRANDE REPORTAGEM .....	36
4.2	PÚBLICO-ALVO .....	37
4.3	PRODUÇÃO .....	37
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41
	<b>APÊNDICE A – Pauta</b> .....	43
	<b>APÊNDICE B – Roteiro Finalizado – Lauda</b> .....	46
	<b>APÊNDICE C – Grande Reportagem</b> .....	54
	<b>APÊNDICE D – Termo de Consentimento</b> .....	55

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma grande reportagem em televisão, que visa abordar a patologia síndrome de Down, levando em consideração a perspectiva do jornalista como agente social, que, além da informação, pode levar as pessoas a refletirem sobre o tema. A síndrome de Down é uma anomalia causada pela presença de três cromossomos 21 em todas ou na maior parte das células de um indivíduo. Esse fato ocorre exatamente na hora da concepção de uma criança. A pessoa com síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, têm 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maior parte da população. A sociedade de modo geral pouco sabe ou pouco preparo tem para lidar com as pessoas com a síndrome, e muitos pais se sentem culpados por falta de esclarecimento, conforme informação do portal da ONG Movimento Down.

É importante esclarecer que o comportamento dos pais não causa a síndrome de Down. Não há nada que eles poderiam ter feito de diferente para evitá-la e não é culpa de ninguém. Além disso, a síndrome de Down não é uma doença, mas uma condição da pessoa associada a algumas questões para as quais os pais devem estar atentos desde o nascimento da criança. Sendo assim é preciso conhecer e vivenciar o dia a dia dessas pessoas e de seus familiares, para que a população saiba lidar com elas e incluí-las na sociedade. Um dos temas mais discutidos nos últimos tempos é justamente a inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência, seja física ou mental, mas a falta de informação sobre o que é a síndrome de Down é o que acaba gerando o preconceito e torna-se uma das muitas barreiras para a inclusão.

Pessoas com síndrome de Down, por exemplo, são considerados indivíduos com necessidades especiais e para que ocorra a integração ou a não exclusão delas é preciso trabalhar todo o contexto social e familiar junto com a sociedade. Pois se a inclusão e a integração não ocorrerem efetivamente, é possível que haja mais preconceitos. Esses seres humanos, como os demais cidadãos, têm direitos constituídos, para que tenham uma boa qualidade de vida, oportunidade de estudo e de trabalho, que possam interagir com pessoas com ou sem de deficiência e participem de ambientes sociais, que ainda se sintam à vontade e, principalmente, que sejam felizes.

No decorrer da construção deste trabalho, houve aporte em um referencial teórico que descreve o que é a síndrome de Down e as maneiras adequadas para lidar com as pessoas com a síndrome. No trabalho, foi possível identificar fatores do tema ainda não apresentados ou esclarecidos para a sociedade. Dessa forma, o eixo principal apresentado na grande reportagem é o de contribuir para trazer à sociedade mais informação sobre a pessoa com síndrome de Down e como incluí-las nos processos sociais, auxiliando os indivíduos a remover de si mesmas as diversas barreiras existentes, dentre as quais se destacam o preconceito e a não integração

Na grande reportagem televisiva, foi possível retratar o dia a dia das pessoas com síndrome de Down, assunto ainda pouco comentado pela grande mídia. Além disso, o produto servirá para dar visibilidade e respeito a este grupo, pois foi abordada a vida cotidiana delas, já que a televisão traz consigo a predominância da sensação do imediatismo, algo que dá forma ao cotidiano das pessoas. A necessidade do “ver” é uma magia dominada pela TV. Wolton (1996) contempla que a televisão é responsável pelo laço social na sociedade de massa em que vivemos. Para ele, a audiência televisiva é inteligente e crítica. A TV para ele é o elemento central da democracia de massa, e a escolha da televisão na produção da grande reportagem se deu por ser um veículo com som e imagem, dando possibilidade ao jornalista de ampliar o fato.

## 1.1 OBJETIVOS

Este trabalho visa realizar os seguintes objetivos:

### 1.1.1 Objetivo Geral

Demonstrar, através de uma grande reportagem televisiva, a relação de pessoas com síndrome de Down, com a família e a sociedade, explorando a pouca atenção midiática que o tema recebe. Além disso, o produto, que poderá ser veiculado em emissoras de TV, vai servir como forma de dar visibilidade e respeito a essas pessoas, levando os telespectadores a refletirem sobre a inclusão.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são:

- a) compreender o que é a síndrome de Down: a patologia, a origem e o tratamento;
- b) exercitar técnicas de entrevista, roteirização e edição jornalística;
- c) propor à sociedade uma reflexão sobre pessoas nessa condição, levando em conta o aspecto social e familiar;
- d) informar para contribuir, proporcionando dignidade às pessoas com Síndrome de Down;
- e) colocar a inclusão em pauta.

## 1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro traz esta introdução ao tema, com informações sobre a patologia e a proposta da grande reportagem – produto elaborado durante a pesquisa.

No segundo capítulo, tratamos a história do jornalismo na TV, conceituando como surge a notícia e contextualizando como é feita sua produção, além de abordar a pauta, a equipe de atuação, a entrevista e a edição.

O terceiro capítulo descreve o jornalismo e seu valor social, indicando as diretrizes da Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), em seus artigos e código de ética. São elencados neste capítulo os elementos fundamentais para o exercício de um jornalismo que vá ao encontro do que a sociedade espera do jornalismo.

O capítulo quarto descreve a grande reportagem e o produto final que foi elaborado baseado no tema proposto para este Trabalho de Conclusão de Curso.

O último capítulo apresenta as reflexões finais sobre a produção e a temática.

## 2 JORNALISMO NA TV

A prática profissional do jornalismo aplicada na televisão é o telejornalismo, que possui programas que divulgam notícias, informações do cotidiano dos mais variados tipos, utilizando imagens e sons. Para Wolton (1996), a televisão é um meio de comunicação, que, além de proporcionar ao público o entretenimento e informações, é como se fosse um laço entre pessoas, possibilitando assuntos para as conversas do cotidiano.

A força da televisão está no religamento dos níveis da experiência individual e da coletiva. Ela é a única atividade a fazer a ligação igualitária entre ricos e pobres, jovens e velhos, rurais e urbanos, entre os cultos e menos cultos. Todo mundo assiste à televisão e fala sobre ela. Qual outra atividade é, hoje, tão transversal? Se a televisão não existisse, muita gente sonharia em inventar um instrumento capaz de reunir todos os públicos. Isso é o que é a unidade teórica da Televisão. (WOLTON, 1996, p.16).

Na força da TV, têm-se um gênero poderoso chamado telejornal, que segundo o sociólogo francês Dominique Wolton, em uma entrevista para o jornal o Globo em 20 de setembro de 2014, mesmo com o advento da internet, “as mídias de massa continuam com a função de reunir milhões de pessoas com interesses diversos”. (TORRES, 2014).

Nesse sentido, o jornalismo na TV tem a possibilidade de, através de técnicas, som, imagem e voz, ampliar a comunicação existente desde a formação das sociedades. Wolton (2006) comenta que a comunicação existe desde que os homens vivem em sociedade, isto é, desde sempre, porque eles produzem, trocam, sonham, combatem e organizam-se. É a busca da relação de compartilhamento com o outro, mesmo que possa parecer banal, a TV é como a vida, pois está inserida na sociedade. Para o autor, não há dúvidas de que as transformações na esfera da comunicação representam a revolução mais significativa dos últimos 50 anos na história da humanidade, porque em todas as atividades, nos meios sociais, olhamos, falamos, conversamos, pessoalmente ou por telefone, assistimos à televisão, ouvimos rádio, ou seja, é algo muito natural o ato de se comunicar, ele acontece sem que a gente perceba, está nas relações com o outro. Comunicar é, antes de tudo expressar-se, ter algo a dizer.

No veículo de comunicação chamado TV, onde se têm experiências individuais e coletivas, Mattos (2010) relata que sua inauguração no Brasil ocorreu



em 18 de setembro de 1950, com o nome de TV Tupi. Foi o empresário Assis Chateaubriand que adquiriu equipamentos dos Estados Unidos para implantação da TV no Brasil, numa época em que o rádio era o veículo de comunicação mais popular do país, submetendo-se à influência radiofônica, utilizando sua estrutura, técnicos, formato e até mesmo artistas.

Para Rezende (2010), junto com a TV desde a década de 50, o telejornalismo se faz presente, o programa “Repórter Esso”, que veio do rádio, fez grande sucesso e era o telejornal mais importante do Brasil; ficou no ar até os anos 70, enquanto o primeiro telejornal, “Imagens do dia”, da TV Tupi permaneceu no ar apenas um ano. O autor diz que, em 60 anos de Telejornalismo no Brasil existe um processo que tem sete fases diferentes.

A primeira fase, com duração de dez anos, ocorre de 1950 a 1960, justamente com a influência radiofônica no “Repórter Esso”. A repercussão na sociedade nessa época ainda era pequena, porque poucas pessoas tinham o aparelho televisor em casa. Na segunda fase, de 1960 a 1969, o telejornalismo busca ter uma linguagem própria, porém, mesmo com os avanços técnicos e o videoteipe (fita de vídeo com registros de imagens televisivas), as notícias eram lidas e eram utilizadas apenas fotos, desempenho que se tornou alvo de crítica na época. O paradigma, então, passou a ser o “Jornal de Vanguarda”, da TV Excelsior, com jornalistas que vinham do impresso e participavam como produtores de TV e com os textos que ganharam força com a locução de Luís Jatobá e Cid Moreira. O prestígio ultrapassou fronteiras e o “Jornal de Vanguarda”, além do Brasil, obteve reconhecimento internacional, quando recebeu o prêmio “Ondas” de melhor telejornal do mundo, em 1963, na Espanha.

A terceira fase de 1969-1983 teve como padrão o telejornal em rede, a referência da época foi o “Jornal Nacional”, da TV Globo. A TV Tupi nesse período também transmitia ao vivo a “Rede Nacional de Notícias” em algumas capitais brasileiras. A TV Cultura de São Paulo conseguiu grande destaque com “A hora da Notícia”, que é lembrado até hoje, por conta da morte do jornalista Wladimir Herzog, vítima de intolerância política, por praticar seus ideais na editoria do telejornal. As emissoras começaram a produzir muitos programas jornalísticos, como o “Titulares da Notícia” da TV Bandeirantes; “Ferreira Neto”, programa que era da TV Record e depois passou a ser veiculado pela TV do empresário Silvio Santos; e o “Fantástico”, idealizado pelo criador do padrão Globo de qualidade, Bonifácio de Oliveira e

Borjado, em 1973, sendo um misto de entretenimento, humor e jornalismo, nos domingos da Globo. Na mesma época, com o fechamento da TV Excelsior e o “Jornal de Vanguarda” e o enfraquecimento da TV Tupi, a emissora carioca, que surgiu em 1965, mantém o telejornal “Jornal Nacional”, transmitido em rede e em nível nacional, com os repórteres pouco a pouco aparecendo no vídeo.

A quarta fase de 1983-1990, chamada de alternativa no horário nobre, teve como padrão o “Jornal da Manchete”, extinta emissora do grupo Bloch, em uma fase marcada por duas novas emissoras em rede: além da Manchete, surgiu o SBT, (Sistema Brasileiro de Televisão), através de concessão pública cedida ao empresário Silvio Santos, em uma articulação do governo na tentativa de impedir ou enfraquecer o poder político da TV Globo. (REZENDE, 2010). A TV Manchete se arriscou a colocar no ar duas horas de telejornalismo no horário nobre. Na ocasião, o jornalismo teve a mais extensa cobertura jornalística, informando sobre a morte do então eleito presidente da República Tancredo Neves.

Na quinta fase (1990-1997), chamada de ancoragem à brasileira, o padrão foi o “TJ Brasil”, no SBT, com o apresentador Boris Casoy, um âncora que emitia opiniões pessoais, tornando-se o segundo produto mais rentável da emissora, ficando atrás apenas do Programa Silvio Santos. Na mesma época o SBT tinha o jornalístico “Aqui Agora”, bastante popular, porém sem muita rentabilidade no faturamento. “O TJ Brasil” ganhou destaque nacional, e a emissora carioca substituiu os apresentadores do “Jornal Nacional”, Cid Moreira e Sérgio Chapelin, por William Bonner e Lillian Witte Fibe, para não perder pontos no Ibope e a posição de maior telejornal do país.

Na sexta fase (1997-2002), classificada por canais segmentados, surge a Globo News, emissora de notícias das Organizações Globo para a TV fechada. O telejornalismo passou a ser exibido durante 24 horas, enfraquecendo o telejornalismo nos canais abertos, segundo o Ibope da época. (REZENDE, 2010). Na mesma fase, a TV Bandeirantes criou também o canal Band News, e seis anos depois a TV Record lançou a Record News, ambos com notícias 24 horas, e a Record News com o diferencial de ser em canal aberto.

A sétima fase, com início em 2002, tem novos modelos de telejornalismo, uma fase marcada pelos programas como “Profissão Repórter”, da TV Globo, e o “CQC” da TV Bandeirantes. Para fugir dos padrões da TV Globo, a Record lança o “Jornal da Record”, e a Band, o “Jornal da Noite”, com o apresentador Roberto

Cabrini caminhando pelos estúdios, a fim de conquistar novos telespectadores. Essa fase também foi marcada pela transição de jornalistas globais para outras emissoras.

Da quarta fase em diante, as emissoras precisaram observar e seguir leis que passaram a reger a produção dos conteúdos produzidos. O artigo 221 da Constituição Federal de 1988 trata justamente da produção e a programação das emissoras de TV e também de rádio. No artigo está explícito que tais meios de comunicação devem dar preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, além de dizer que o respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família é fundamental. Para manter uma concessão pública de uma emissora de televisão, é necessário então que haja veiculação em sua programação, durante 24 horas, de programas que proporcionem à população, informações públicas de saúde, educação e cultura. Cabe ao telejornalismo ser um meio de cumprir com as diretrizes do artigo, através de uma presença intensa na vida das pessoas em seu papel na construção de conceitos, valores e sentidos. (BRASIL, 1988).

No papel de construtor de valores, ao narrar um fato, o jornalismo que será mais aprofundado no capítulo 3, precisa se atentar à ética para com os personagens da narrativa, tanto quanto ser sensato e perspicaz em relação aos receptores, baseando-se em fontes confiáveis e informações verdadeiras e sem equívocos. É preciso ainda possuir conhecimento técnico na apuração, produção e divulgação dos conteúdos produzidos no fazer jornalístico, com atenção redobrada se tratando de televisão.

## 2.1 PRODUÇÃO DA NOTÍCIA

A produção da notícia está ligada ao complexo cotidiano das pessoas, que é marcado por acontecimentos regionais, nacionais ou internacionais que refletem diretamente na sociedade, desde o aumento da tarifa dos coletivos até uma tragédia. Para Curado (2002), a difusão desses acontecimentos é o que chamamos de notícia. A produção e a divulgação são o que leva a sociedade a tomar conhecimento dos fatos que interferem no dia a dia das pessoas, capazes de fazer o receptor compreender melhor a realidade dos acontecimentos e seu significado.

A notícia revela como determinados fatos se passaram, identifica personagens, localiza geograficamente onde ocorrem ou ainda estão acontecendo, descreve as suas circunstâncias, e os situa, num contexto histórico, para dar-lhes perspectiva e noção da sua amplitude e dos seus significados. (CURADO, 2002, p. 16)

Alsina (2009) também conceitua que a produção da notícia é um processo ligado a um acontecimento, que é um fenômeno social. As notícias são produzidas, porque, segundo ele, todas as manhãs as pessoas querem saber o que está acontecendo no mundo, e assim ficam ligadas na televisão, escutam rádio, leem jornal ou navegam pela internet. Essa ação desses indivíduos é o consumo de uma mercadoria especial, a notícia.

Para o autor, o acontecimento é uma mensagem recebida e se torna notícia ao ser uma mensagem emitida, fazendo com que outras pessoas possam tomar conhecimento do acontecido. Os meios de comunicação, através da divulgação das notícias, conseguem de certa forma nos aproximar dos fatos ocorridos por nos oferecer diversos pontos de vista nos diferentes veículos de comunicação.

Dessa forma, a notícia passou a ser um dos mais fortes produtos dos meios de comunicação e toda produção exige uma equipe, elaboração de pauta, além de possíveis entrevistas. Olga Curado (2002) esclarece que a equipe de produtores e jornalistas, antes mesmo de irem a campo para conferirem ou produzirem um material noticioso, vindo de um acontecimento, julgam a importância da notícia de acordo com a abrangência e o interesse do público. As informações passam por uma avaliação, sujeita a uma seleção de notícias, por conta até do pouco espaço para se divulgar a quantidade de informações disponíveis no dia a dia.

A importância da notícia é geralmente julgada de acordo com sua abrangência, isto é, segundo o universo de pessoas às quais pode interessar. Esse é o critério mais utilizado em jornalismo de televisão que, dando ênfase ao aspecto da amplitude, pode tender a transformar a notícia em entretenimento ou espetáculo, tratando apenas de questões amenas ou desprovidas de polêmica. (CURADO, 2002, p. 16).

Para Wolf (2008), as avaliações dos acontecimentos para virarem notícia passam pelos critérios de noticiabilidade, enumerados em cinco, para que a notícia seja divulgada. Ele define que a noticiabilidade é um conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, dentre os quais há que selecionar a notícia.

A noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (WOLF, 2008, p. 196).

Sendo assim, o primeiro critério Wolf (2008) chama de critérios substantivos, que se articulam essencialmente à importância e ao interesse da notícia. Nesse critério é considerado o grau e o nível hierárquico de um indivíduo que atua em órgãos governamentais, instituições financeiras ou grandes grupos empresariais. É avaliado se essa pessoa envolvida no acontecimento poderá ser reconhecida fora do seu contexto de atuação.

O impacto sobre a nação e o interesse nacional, a quantidade de pessoas envolvidas e a relevância também fazem parte dos critérios substantivos. Com relação ao impacto, Wolf (2008) diz que se trata da importância de um acontecimento e a potencialidade de influir ou incidir sobre os interesses do país, além de relacionar esse fator de valor notícia à proximidade dos fatos, tanto geográfico quanto cultural. Na situação que trata a quantidade, o autor diz que quanto maior o número de pessoas envolvidas em um acontecimento, mais importante é a notícia. Ele cita que se acontece uma tragédia aérea, seja em qualquer lugar, o valor deixa de ser proximidade e passa a ser a quantidade. Já a relevância está ligada aos acontecimentos futuros, como eleições e grandes eventos.

O segundo critério, para Wolf (2008), é o relativo ao produto, que tem ligação aos procedimentos de produção, onde os limites do veículo são estabelecidos. Nesse critério, avalia-se a brevidade, o comprimento da notícia de acordo com o meio, ou seja, se a notícia é do tamanho suficiente para passar as informações essenciais e chamar atenção. Os eventos que constituem e representam uma ruptura na normalidade são noticiados primeiro. No caso de um produto informativo, o valor notícia é a novidade, onde os acontecimentos se tornam notícias enquanto o programa informativo é transmitido. Cada produto produz a notícia de acordo com o tipo de sua periodicidade, uma grande reportagem, por exemplo, amplia a notícia em uma reportagem com aprofundamento do tema, uma qualidade que o autor destaca para o jornalismo televisivo.

O terceiro critério, Wolf (2008) chama de critérios relativos ao meio, onde os valores-notícia são referentes ao tipo de suporte, de mídia. Ele destaca a informação na TV, onde um acontecimento só será noticiado se tiver material visual disponível. O valor notícia também se refere ao formato, porque o limite de tempo e espaço caracteriza o produto.

O quarto critério que Wolf (2008) elenca são os critérios relativos ao público, que estão ligados ao tipo de imagem que os jornalistas têm do público. Essa imagem, segundo o autor, é baseada em pesquisas da quantidade e do tipo de audiência de um determinado veículo. Na TV, as medições e as pesquisas apontam quem são os telespectadores dos programas que são exibidos. Ele comenta que alguns veículos, seguindo a identificação com o público, evitam a veiculação de suicídio, por exemplo.

O quinto critério para Wolf (2008) são os relativos à concorrência, baseados em uma verdadeira competição, onde uma emissora, após selecionar uma notícia, divulga, na expectativa de que os demais veículos também venham noticiar depois, o famoso furo de reportagem. Wolf (2008) conclui que é preciso ainda levar em conta o papel social que o jornalista tem e sua função na imprensa.

E assim, todas as informações que chegam são checadas, apuradas antes de sua apresentação final, cujo objetivo principal é a satisfação do público. Toda a checagem, a produção e a divulgação das notícias passam pelas mãos da equipe de jornalistas e da técnica que envolve operadores de câmera, áudio, iluminação, entre outros.

### **2.1.1 A equipe**

A equipe de TV é composta por muitas pessoas que, segundo Barbeiro e Lima (2013), atuam através de uma estrutura organizacional hierárquica para o melhor andamento do fazer jornalístico. Na hierarquia, o chefe de jornalismo tem o cargo de diretor ou gerente de jornalismo que participa com os gerentes e diretores de outras áreas da empresa, além de ser o responsável pela linha editorial. Ficam em suas mãos as contratações e as demissões e a solução de possíveis problemas para o bom andamento da equipe.

Sobre ele despencam os maiores problemas, desde a palavra final sobre a contratação ou demissão de um jornalista até investidas na área comercial, que têm preferência por determinadas reportagens, mas gostaria de evitar a produção de outras. Isso torna o chefe de jornalismo um produto para atender o mercado, os clientes, os anunciantes, o público-alvo e os interesses da empresa, e aqueles que estão comprometidos com os interesses sociais da notícia. (BARBEIRO; LIMA, 2013, p. 75-76).

Os autores sugerem a este profissional uma postura diferente das atuais. O maior destaque sugerido é ser acessível, ter maior participação na produção da notícia e estar aberto ao diálogo, além de levar reivindicações salariais para a direção da empresa.

Na redação de jornalismo, no organograma, outro integrante é o editor-chefe, um posto ocupado por jornalistas mais experientes, que escolhe as reportagens e as notícias que vão ao ar e responde pelos erros e acertos de um programa jornalístico. Para Barbeiro e Lima (2013), a equipe de redação jornalística mais feliz é quando o editor-chefe participa ativamente da produção, abrindo as portas de sua sala para os demais e atuando fora do pedestal.

Ele é aquele que arregaa as mangas e mergulha na busca das melhores notícias juntamente com a equipe, que nunca está no pedestal nem assume a postura de supremo algoz aparecendo apenas quando se trata de cobrar possíveis falhas, muitas delas duvidosas. (BARBEIRO; LIMA, 2013 p. 90)

Além de uma participação ativa, o editor-chefe é o representante do público na organização do emaranhado de fatos que acontecem a todo o momento e simultaneamente, ordenando, classificando e escolhendo o que vai ou não virar notícia a ser veiculado.

As orientações e as sugestões dos autores pontuam que o editor-chefe precisa ficar atento para o fato novo, que é a matéria-prima mais importante do jornalismo. Deve ainda estar atento e cuidar para que o telejornal não incorra em omissão, permitindo a ausência de informações de qualquer natureza sobre determinado assunto que seja de interesse geral das pessoas, mantendo diálogo contínuo com o produtor.

Para Barbeiro e Lima (2013,) o produtor é o responsável por boa parte das condições materiais dos noticiários, como se fosse uma ponte ligando jornalistas e a equipe técnica. Além disso, participa do processo de edição, onde fica ciente de que, dependendo de novos fatos, fenômenos que podem ocorrer a qualquer momento, uma nova notícia ganha o espaço da outra. O autor ainda atribui ao produtor outras

responsabilidades, dentre as quais: estar antenado, focando e acompanhando notícias de outras emissoras; localizar todas as pessoas envolvidas em uma situação para que todas as partes sejam ouvidas; manter diálogo com toda equipe e os apresentadores dos noticiários. As sugestões dos autores são de que o produtor deve sempre manter um arquivo com ideias para realização de reportagens e estar preparado, lendo o que puder sobre o assunto que será abordado.

O telejornal, seguindo as orientações do chefe de jornalismo e do editor-chefe, com as ideias do produtor, é produzido por uma equipe, que envolve repórteres, os editores, cinegrafistas, cuja a apresentação é feita por um apresentador ou âncora, que se diferencia na condução do programa ao fazer comentários analíticos para os quais, segundo Barbeiro e Lima (2013), deve participar e acompanhar as etapas de produção e a evolução das notícias durante todo dia. Há ainda a figura do repórter, que é o responsável por realizar a matéria e a entrevista, que, além de sua percepção dos fatos e acontecimentos, conta com o cinegrafista para coletar as imagens. Outros integrantes também contribuem para uma boa execução final: o editor de texto tem a missão de conferir o texto do repórter, que, segundo Paternostro (2006), precisa contar uma história, de maneira que toda sociedade entenda, como se estivesse conversando com uma pessoa; e conta com o editor de imagem, que atua com o editor de texto, operando através de máquinas e softwares de edição as imagens que vão ao ar.

As sugestões para o âncora vão desde a postura até o estado de espírito no estúdio, ou seja, como estar focado no telejornal. Ele teve transmitir uma sensação de pessoa calma, confiante e segura. Manter o script organizado, tanto para o âncora quanto para o apresentador é essencial. Ambos precisam se entender muito bem com o produtor e com a equipe técnica de estúdio porque qualquer dissabor, desencontro, reflete na qualidade do programa que vai ar (BARBEIRO; LIMA, 2013), como já citados.

### **2.1.2 A pauta**

Como vimos, na equipe, os integrantes desenvolvem diferentes funções, um dos integrantes é o pauteiro, que, segundo Barbeiro e Lima (2013), é quem organiza a pauta e é o responsável por captar tudo que pode ser transformado em reportagem.



O pauteiro é aquele que na imensidão dos acontecimentos na sociedade capta o que pode ser transformado em reportagem, pensa o assunto e indica os caminhos que devem ser percorridos para que a matéria prenda a atenção do telespectador e atinja o público alvo da emissora. A informação é um bem precioso e, por meio dela, as pessoas têm condições de desenvolver o espírito crítico e entender melhor a sociedade em que vivem. (BARBEIRO; LIMA, 2013, p. 133-134).

Os autores destacam, ainda, a atuação do pauteiro na construção da reportagem, sugerindo caminhos e perguntas para repórter. As sugestões de perguntas serão utilizadas com os entrevistados. O pauteiro inclui na pauta dados sobre os entrevistados, telefones e endereços. Ele também é o responsável por conseguir autorizações para que o repórter tenha acesso aos locais públicos e privados.

A pauta possui alguns elementos fundamentais que são: a proposta, que é um pequeno texto que expõe qual deve ser o foco do repórter e sua missão, explicando o objetivo da matéria; encaminhamento é o direcionamento do tipo de linguagem, do tempo necessário para o resultado final de uma reportagem e onde o pauteiro apresenta o assunto ao repórter; sugestão de imagens é pontuar o que o repórter vai encontrar no local e o que é importante para a reportagem; informações é elencar os dados que complementem a abordagem do tema, onde é coletado o maior número de dados possíveis sobre uma determinada pessoa ou assunto.

O texto da pauta, segundo Barbeiro e Lima (2013), tem de ser mais informativo, sucinto, com lead e sublead, justamente porque serve de roteiro para o repórter. Na construção da reportagem, as pautas são confeccionadas para nortear o repórter, que fará entrevistas, gravando as sonoras, a fim de esclarecer um fato, transformando-o em notícia.

### **2.1.3 A entrevista**

Para a entrevista, os autores Barbeiro e Lima (2013) afirmam que planejamento é indispensável, porque a falta de preparo pode permitir que o entrevistado transforme a entrevista em palanque público ou algo parecido. Outro destaque para uma boa entrevista é ter a pergunta do tamanho adequado.

A pergunta tem que ter tamanho certo, suficiente para que o telespectador entenda o assunto. Alguns entrevistadores falam tanto sobre o tema que acabam respondendo à própria pergunta, deixando o entrevistado sem ter o

que dizer. Outro extremo é pergunta pequena demais a ponto do público não saber do que se está falando. (BARBEIRO; LIMA, 2013, p. 126).

Barbeiro e Lima (2013) pontuam, ainda, sobre a necessidade de o repórter estar ciente de que entrevistas não são debates; cabe ao jornalista tomar cuidado para não fazer da entrevista um bate-boca, confundindo o público, uma vez que não se trata de confrontos de opiniões entre o repórter e o entrevistado para que ocorra o aprofundamento da notícia de forma adequada.

Com base na experiência e vivência em redação e nas ruas, Barbeiro e Lima (2013) orientam que o jornalista deve estar preparado para uma possível mudança no rumo da entrevista. Assim, precisam procurar entender o que o entrevistado quis dizer até em “entrelinhas”. As respostas devem ser claras e, se houver dúvida, é necessário solicitar ao entrevistado que explique melhor o tema que está sendo abordado. “Esteja preparado”, pontuam os autores, mas se as circunstâncias não permitirem, use as perguntas básicas do lead, o quê, como, quando, onde e por quê.

Para Medina (2008), a entrevista é uma técnica jornalística e das Ciências Humanas, onde se coleta dados e informações através de um diálogo, onde o entrevistado, tecnicamente, é a fonte de informação. A autora defende a tese de uma relação mais humana no ato da entrevista, considerando importante que o repórter tenha sensibilidade para respeitar o entrevistado não apenas como fonte, também como pessoa, como um ser social.

A autora relata que muitos querem criar um verdadeiro espetáculo, sem respeito ao entrevistado, sendo que o melhor a se fazer e o mais coerente é compreender e respeitar de maneira singular a fonte. Além do uso das técnicas que são fundamentais, nas entrevistas com pessoas, o repórter precisa ser um entrevistador mais humano, proporcionando um verdadeiro diálogo entre as partes envolvidas. Medina (2008) destaca a importância do repórter não fazer uma pergunta tendo em mente uma pré-resposta, é preciso deixar com que o entrevistado fale abertamente e sem medo. Isso não pode ser encarado apenas com um desafio para o repórter, mas sim como uma grande oportunidade de contribuir socialmente com os receptores e principalmente com os entrevistados.

Para a realização da entrevista, o entrevistador precisa estar preparado. Cremilda Medina (2008) expõe um prisma de entrevista não autoritária, resultado de uma visão da comunicação como um processo recíproco, capaz de ampliar o entendimento das partes envolvidas sobre um determinado assunto. Jornalista e

entrevistado, costumeiramente, têm uma relação mútua de desconfiança. Cabe ao repórter vencer essa barreira e criar um ambiente propício ao diálogo, momento crucial para a pretendida coleta de dados (MEDINA, 2008).

Esse comportamento é fruto de um desempenho com toque humano, pois a execução da pauta com sensibilidade, onde o repórter se debruça sobre o outro, como se estivesse contemplando uma obra da natureza, com respeito, curiosidade, explorando aquilo que de melhor o entrevistado tem, é crucial para um bom resultado. Essa relação deve ocorrer para se conseguir a busca da verdade, o bem comum para os dois personagens em um diálogo que se faz entre repórter e entrevistado com a postura tranquilizadora do repórter, sempre aberto e pronto para ouvir. No mais, a entrevista deve ter começo, meio e fim. O entrevistador deve buscar a alteridade e se colocar no lugar do público, perguntando aquilo que considera mais importante no assunto pautado para que a edição consiga sincronizar todo material coletado.

#### **2.1.4 A edição**

Com todo material captado, imagens, entrevistas, depoimentos vem, a edição, que, segundo Barbeiro e Lima (2013), é trabalhosa, mas de fundamental importância, pois é a finalização de uma reportagem que vai ao ar na televisão. Editar é como contar uma história, e como acontece nas histórias, a edição de uma reportagem precisa de uma sequência lógica, que pelas características da televisão também exige uma perfeita combinação de sons e imagens. A edição começa com a decupagem do material produzido pelo repórter e cinegrafista na rua. O editor de imagem seleciona o que vai usar para contar a história e, para isso, precisa ter em mente a narração adequada para que tenha começo, meio e fim.

Os autores salientam que o tempo da reportagem vai depender da importância do assunto retratado, ou pela força das imagens. Já Paternostro (2006) compreende que a edição no telejornalismo é de extrema importância, porque é com a edição que uma reportagem ganha formato final para ir ao ar, portanto o texto jornalístico na televisão está intrinsecamente ligado à edição.

A autora diz que editar é uma arte, uma verdadeira lapidação de uma reportagem, com imagem, informação e emoção para contar a história no tempo

certo. Os três autores dialogam em suas ideias de que a edição é como contar uma história.

Editar é dar sentido ao material bruto. É “montar a matéria”: selecionar imagens e sons e colocar as imagens e sons selecionados de uma forma lógica, clara, objetiva, concisa, de fácil compreensão para o telespectador. Editar é contar a história que foi apurada, como começo, meio e fim. (PATERNOSTRO, 2006, p.162)

A autora enumera em quatro passos o modo de edição que poderá resultar em um produto final excelente. O primeiro passo é conhecer o material bruto na decupagem do material que foi gravado na rua, perceber os detalhes e sentir as sonoridades, as imagens, as passagens e o off do repórter. O segundo passo é fazer um plano de edição, escrevendo um roteiro para ordenar o pensamento. É uma forma, segundo ela, de a edição render, se tornar clara, objetiva, informativa e interessante. O terceiro passo é destacar as informações que serão o lead da matéria, para se ter noção de onde começar a edição. No quarto passo ela diz que a edição de uma matéria é trabalho de dois profissionais. O editor de texto e o editor de imagem, porque esses dois profissionais juntos discutem e planejam a matéria na ilha de edição.

A edição requer, além de sensibilidade, muita concentração, criatividade e habilidade. Paternostro (2006) diz ainda que quando falamos de edição de um telejornal é preciso acrescentar a fidelidade das informações apuradas, porque uma informação falsa na edição pode causar um dano irreparável, desfavorecendo o jornalismo em seu papel social de somar na vida das pessoas.

### 3 JORNALISMO: O VALOR SOCIAL

Para falarmos em compromisso do jornalismo, é importante observar o que o código de Ética da FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas) estabelece em seus artigos. Na íntegra, o artigo 1º diz que o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação.

Artigo 2º Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão por que: I - a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente da linha política de seus proprietários e/ou diretores ou da natureza econômica de suas empresas; II - a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público; III - a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão; IV - a prestação de informações pelas organizações públicas e privadas, incluindo as não governamentais, deve ser considerada uma obrigação social; V - a obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação, a aplicação de censura e a indução à autocensura são delitos contra a sociedade, devendo ser denunciadas à comissão de ética competente, garantido o sigilo do denunciante. No artigo 4º, fica estabelecido que o compromisso fundamental do jornalista seja com a verdade no relato dos fatos, sendo assim, deve se pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e na sua correta divulgação. (FENAJ, 2007)

Como compromisso, os autores Kovach e Rosenstiel (2003) destacam que a primeira obrigação do jornalismo é com a verdade, dialogando com o artigo 2, inciso II, que trata justamente da veracidade dos fatos na produção antes de sua divulgação.

Para afirmar esse compromisso do jornalismo com o público, os autores apresentam princípios básicos, chamados de elementos do jornalismo. Esses elementos são o que a maioria dos jornalistas e cidadãos espera do jornalismo, a saber:

1. A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade.
2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos.
3. Sua essência é a disciplina da verificação.
4. Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem.
5. O jornalismo deve ser um monitor independente do poder.
6. O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público.
7. O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante.

8. O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional.
9. Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 22-23).

Os autores pontuam, ainda, que dizer a verdade é a missão primordial dos profissionais de jornalismo, e esse deve ser o seu compromisso para com o público, porque segundo eles as notícias são o material que as pessoas usam para aprenderem sobre o mundo, além de seu mundo próprio.

Esse desejo que a informação seja verdadeira é básico nesta discussão. Já que as notícias são o material que as pessoas usam para aprender e pensar sobre o mundo além de seus próprios mundinhos, o mais importante é que a informação seja boa e confiável. Vai chover amanhã? O trânsito está ruim hoje? O meu time ganhou? O que disse o presidente? Com efeito, a verdade cria uma sensação de segurança que se origina da percepção dos fatos e está na essência das notícias. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 61).

Mesmo com as contrapartidas de discussões filosóficas a respeito da verdade e da subjetividade de cada indivíduo, os autores dizem que há pouca dúvida de que os jornalistas acreditam em seu compromisso de estarem envolvidos com a verdade, porque isso é que a sociedade espera desses profissionais.

Kovach e Rosenstiel (2003) destacam a importância da obrigação que o jornalista tem em seu compromisso com o jornalismo avaliando sua própria consciência. Todo jornalista, independente da estrutura organizacional, deve ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade, ou seja, um sentido como uma bússola moral, ser digno de ser elogiado pela própria consciência. Isso exige do profissional de jornalismo um real compromisso com as pessoas, e para isso os autores sugerem que as redações sejam abertas, que haja apoio dos proprietários de empresas jornalísticas e também de seus executivos.

As empresas jornalísticas e, até mesmo nos conglomerados mundiais de mídia hoje, as empresas afiliadas precisam construir uma cultura que alimente a responsabilidade individual. E aos executivos, por sua vez, estar dispostos a ouvir, não somente administrar problemas e preocupações. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 61).

É preciso que os jornalistas se sintam livres, encorajados até para dizerem, por exemplo, se considerarem que uma matéria está sendo racista, sua opinião ao chefe de jornalismo. Somente numa redação onde todos possam participar

ativamente com suas opiniões, pontos de vistas, as notícias terão alguma possibilidade de serem exatas. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003).

A possibilidade de o jornalista ser livre resulta em um jornalismo que difunda informações necessárias para contribuir para uma sociedade mais justa e de respeito ao cidadão.

### 3.1 JORNALISMO SOCIAL E CIDADÃO

A principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar. O jornalismo, através da imprensa, nos ajuda a criar uma linguagem e conhecimentos comuns com base na realidade. É como um guardião capaz de tirar as pessoas da letargia e oferecer uma voz aos esquecidos, porque as pessoas administram e planejam suas vidas através da imprensa. (KOVACH; ROSENSTIAL, 2007).

As pessoas precisam de informação por causa de um instinto básico do ser humano, que chamamos Instinto de Percepção. Elas precisam saber o que acontece do outro lado do país e do mundo, precisam estar a par de fatos que vão além de sua própria experiência. O conhecimento do desconhecido lhes dá segurança, permite-lhes planejar e administrar suas próprias vidas. Trocar figurinhas com essa informação se converte na base para criação da comunidade, propiciando as ligações entre as pessoas. (KOVACH; ROSENSTIAL, 2007, p. 36).

As pessoas através da notícia, se mantêm informadas dos fatos em andamento, temas e figuras do mundo exterior, uma vez que é papel social do jornalista promover a justiça social e o todo juntos, e isso se dá com a informação (MARQUES, 2016, informação verbal).

Jornalismo social e cidadão é uma atuação que trabalha na questão da inclusão, que merece atenção por parte da mídia, visto que 4,5 milhões de pessoas declararam ter algum tipo de deficiência no último censo do IBGE. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS, 2010).

Como propõe Rothberg (2011), é possível uma atuação do jornalismo em defesa dos cidadãos quando em qualquer tema apresentado à sociedade por meio de uma reportagem tenha clareza, verdade e aprofundamento. Ou seja, as vozes dos cidadãos precisam ser ouvidas.

A produção de conteúdo noticioso e de divulgação de informação é considerada uma forma de dar espaço à expressão de quem tem poucas possibilidades de exprimir publicamente suas condições de vida, ter respeito e uma vida com qualidade e dignidade, além de acrescentar pontos de vista que podem ser importantes sobre um determinado assunto, e que essa consideração se perfaça de fato. O jornalismo social e cidadão pode trazer às pessoas diversos assuntos, como a síndrome de Down, trazendo um novo olhar para esse tema.

### 3.2 SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down é uma anormalidade genética. Tem-se o registro de que a Síndrome de Down foi estudada cientificamente a partir do século XIX. O nome da síndrome é uma homenagem ao médico britânico reconhecido pelo extenso trabalho com crianças com deficiência mental, John Langdon Haydon Down, que notou semelhanças na fisionomia de crianças com atraso mental. (SCHWARTZMEN, 1999).

Uma entristecedora constatação é de que, segundo Schwartzman (1999), as pessoas com deficiência mental não eram bem aceitas pela sociedade nas civilizações antigas. Já na sociedade atual, as agências de saúde e organizações não governamentais lutam para que as pessoas com algum tipo de deficiência sejam tratadas com respeito e dignidade, muito embora essa realidade possa ainda estar um pouco distante.

A Organização Movimento Down esclarece que a síndrome de Down é causada pela presença de três cromossomos 21 em todas ou na maior parte das células de um indivíduo. Isso ocorre na hora da concepção de uma criança e que as pessoas com síndrome de Down têm 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maior parte da população. (SÍNDROME..., c2014).

Esses cromossomos são recebidos pelas células embrionárias dos pais, no momento da fecundação. Vinte e três vêm dos espermatozoides fornecidos pelo pai e os outros 23 vêm do óvulo da mãe. Juntos, eles formam o ovo ou zigoto, que é a primeira célula de um ser humano. Essa célula, então, começa a se dividir, formando o novo organismo. Isso quer dizer que cada nova célula é, em teoria, uma cópia idêntica da primeira.



Os cromossomos carregam milhares de genes, que determinam todas as nossas características e, desses cromossomos, 44 são denominados regulares e formam pares (de 1 a 22). Os outros dois constituem o par de cromossomos sexuais – chamados XX no caso das meninas e XY no caso dos meninos.

Por alguma razão que ainda não foi cientificamente explicada, ou o óvulo feminino ou o espermatozoide masculino apresentam 24 cromossomos no lugar de 23, ou seja, um cromossomo a mais. Ao se unirem aos 23 da outra célula embrionária, somam 47. Esse cromossomo a mais acaba aparecendo no par número 21. Por isso a síndrome de Down também é chamada de trissomia do 21, conforme descrito pela ONG Movimento Down.

Para Schwartzman (1999), a idade materna avançada é o fator que está mais associado à ocorrência da Síndrome de Down. As mães com mais de 35 anos têm mais chances de ter um filho com alguma anormalidade cromossômica. O autor justifica porque a mulher já nasce com todos os óvulos no ovário. Sendo assim os óvulos de uma mulher de 40 anos são mais velhos do que de uma mulher de 20 anos. Já no caso dos homens, os espermatozoides são produzidos continuamente a partir da adolescência à medida em que são utilizados. Por essa razão acredita-se que a idade materna tem uma relação direta com a ocorrência da Síndrome de Down.

Como todos herdam genes do pai e da mãe, a criança apresentará aspectos até certo ponto característicos dos pais, como cor dos olhos, cor do cabelo, estrutura corporal entre outros, porém crianças com Síndrome de Down apresentam algumas características diferentes dos demais. (SCHWARTZMAN, 1999).

O autor descreve que pessoas com Síndrome de Down apresentam a cabeça menor comparado com as demais pessoas, com a parte superior levemente achatada. As moleiras são mais amplas e demoram mais tempo para se fechar. O rosto apresenta uma forma achatada, assim como o nariz também achatado e pequeno. Os olhos apresentam fissuras na região das pálpebras, no canto interno. As orelhas são pequenas e apresentam uma dobra na região superior da orelha. O pescoço é curto e a boca geralmente é pequena; algumas crianças mantêm a boca aberta e podem projetar um pouco a língua. Ele relata que 30% dos fetos com Síndrome de Down morrem antes do nascimento. Dos que nascem, muitos hoje em dia vivem até mais de 50 anos, sendo a síndrome a ocorrência genética mais

comum que existe, acontecendo um a cada 700 nascimentos, independentemente de raça, país, religião ou condição econômica da família.

As crianças, os jovens e os adultos com síndrome de Down podem ter algumas características semelhantes e estarem sujeitos a uma maior incidência de doenças, mas apresentam personalidades e características diferentes e únicas. (SCHWARTZMAN, 1999).

A Organização Movimento Down (2016) destaca que é importante esclarecer que o comportamento dos pais não causa a síndrome de Down e que não há nada que eles poderiam ter feito de diferente para evitá-la. Segundo a ONG (2016), não é culpa de ninguém; a síndrome de Down é uma condição da pessoa associada a algumas questões para as quais os pais ou responsáveis devem estar atentos desde o nascimento da criança.

As pessoas com síndrome de Down têm muito mais em comum com o resto da população do que diferenças. É importante descobrir que uma criança com a síndrome pode alcançar um bom desenvolvimento de suas capacidades pessoais e avançar com crescentes níveis de realização e autonomia. São capazes de sentir, amar, aprender, se divertir e trabalhar. Poderão ler e escrever, ir à escola como qualquer outra criança e levar uma vida autônoma. Em resumo poderão ocupar um lugar próprio e digno na sociedade.

A escritora e jornalista Cláudia Werneck, há mais de 20 anos dedica a vida pela inclusão. Em uma entrevista para a repórter Marisa Elisa Alves, do jornal O Globo, em 2013, ela comenta como surgiu a pauta para escrever sobre síndrome de Down. Seu filho Diego lhe pediu que fosse visitar o irmãozinho de um amigo que tinha acabado de nascer e, quando chegou a casa, notou que se tratava de uma criança com a síndrome. A mãe da criança, que pouco sabia sobre o assunto, lhe pediu orientações, visto que Cláudia escrevia na revista "Pais e Filhos", da editora Manchete, uma espécie de bíblia para pais aflitos.

A autora diz que nós indevidamente os chamamos de mongoloides. Mas eles são apenas portadores da síndrome de Down, talvez a deficiência mental associada a alterações cromossômicas mais frequente do planeta.

Atingem todas as raças e continentes, não importando sua localização geográfica, renda per capita, condições de higiene ou nutrição. Eu me refiro as duas milhões de crianças brasileiras que enfrentam uma dupla dificuldade: os problemas específicos dessa anomalia e aqueles criados por

uma sociedade mal informada e preconceituosa como a nossa.  
(WERNECK, 1992, p. 19).

Schwartzman (1999) diz que 73% deles têm autonomia para tomar iniciativas, não precisando que os pais digam a todo o momento o que deve ser feito. Isso demonstra a necessidade e a possibilidade desses indivíduos de participarem e interferirem com certa autonomia em um mundo onde “normal” e deficiente é semelhante em suas inúmeras diferenças. Para isso, a informação é essencial a respeito desse tema, visto que através do jornalismo é possível dar voz aos esquecidos.

#### **4 GRANDE REPORTAGEM: SÍNDROME DE DOWN, SOMOS TODOS IGUAIS COM CARACTERÍSTICAS DIFERENTES**

A reportagem, segundo Barbeiro e Lima (2002), é a principal fonte de matérias exclusivas do telejornalismo. Uma grande reportagem visa aprofundar um tema com mais tempo e qualidade. Aprofundar um tema vai ao encontro da proposta deste trabalho de poder contar a história de pessoas com Síndrome de Dow. A tarefa é de mostrar a vida delas e a relação com a família e com a sociedade, identificando possíveis fatores de dificuldades que elas encontram no relacionamento social.

Para se buscar o aprofundamento de um tema através de uma grande reportagem é necessária uma equipe, que, como acontece geralmente em TV, é composta por três pessoas: o repórter, o cinegrafista ou repórter cinematográfico e o auxiliar, que exerce também o papel de motorista, como pontua Cruz Neto (2008). Na produção da grande reportagem sobre Síndrome de Down, foi possível executar o trabalho por duas pessoas: repórter e cinegrafista técnico, porque, além do preparo técnico, os equipamentos mais modernos assim permitiram.

O repórter que também produziu a pauta passou o assunto pautado e informações para o cinegrafista para que houvesse, além de sintonia entre os dois, êxito na produção do material televisivo, conforme propõe Cruz Neto (2008). Antes de sair da redação, é necessário que o repórter e o cinegrafista leiam a pauta juntos e recebam todas as instruções da chefia de reportagem. Se o cinegrafista não estiver presente, o repórter deve passar-lhe todas as informações, e estarem juntos na rua.

O repórter deve estar sempre ao lado do cinegrafista acompanhando a captura de imagens. Como diz o experiente repórter Mauricio Krubusly, “o cinegrafista é o olho do repórter”. E, sempre que necessitar de uma imagem, ele deve pedir ao cinegrafista. Já o cinegrafista, sempre que filmar algo que o repórter não percebeu, deve avisá-lo para que ele faça um texto correspondente e a imagem seja aproveitada. (CRUZ NETO, 2008, p. 41).

Essa conectividade esteve presente na equipe desta reportagem, não só nas entrevistas houve um verdadeiro diálogo, mas também entre repórter e cinegrafista, por meio do que os entrevistados ficaram à vontade e livres para terem voz, expor suas ideias, opiniões, teses e histórias de vida.

Esta grande reportagem em televisão trouxe, além de foco ao tema Síndrome de Down, informações sobre essa patologia clínica, o olhar da psicologia, o trabalho de inclusão e defesa de direitos de uma entidade assistencial e a oportunidade de fala de nossos personagens.

A principal meta desta grande reportagem é deixar claro a todas as pessoas, de que com ou sem síndrome de Down, somos todos iguais, que temos apenas características diferentes, como cor de cabelos, olhos, altura entre outras mais.

Os personagens e os entrevistados se sentiram honrados com o convite de fazerem parte deste trabalho, demonstrando isso na chegada da equipe nos locais das entrevistas, fato que deixou os integrantes à vontade, contribuindo para uma maior qualidade na execução da pauta.

Esta grande reportagem, que começou como uma semente, foi ganhando força à medida que era regada com a participação dos personagens que a compõe, pessoas que concordam que a síndrome de Down não deve ser o limitador dessas os diagnosticados com a patologia para terem acesso, respeito, serem tratadas com dignidade e poderem ter sua vida social como todas as pessoas. E assim, foi então produzida uma grande reportagem de 19 minutos e 18 segundos com o título “Síndrome de Down: Somos todos iguais com características diferentes”.

A reportagem iniciou-se com a apresentação de nossos dois personagens centrais que têm a patologia, divulgando seus nomes, idade, com quem moram e o relato do repórter do aprendizado em conhecê-los, e logo em seguida as mães dos personagens falaram sobre suas histórias de vida e como receberam a notícia da patologia de seus filhos.

Uma passagem do repórter falando sobre as estimativas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) da quantidade de pessoas acometidas no Brasil, também ficou registrada nesta grande reportagem, porque segundo Yorke (2006), de todas as habilidades necessárias para a reportagem a passagem está entre as mais usadas.

O termo passagem designa o ato de o repórter ficar em pé, diante da câmera, e fazer um relato sobre o assunto que está sendo coberto, falando diretamente para o telespectador. A técnica depende da capacidade de escrever linguagem falada e lembrar palavra por palavra ao dizê-las para a câmera. (YORKE, 2006, p. 135).

Logo após a passagem, houve uma participação médica abordando as características de uma pessoa com síndrome de Down, em seguida os OFFs, textos narrados pelo repórter, e sonoras novamente das mães.

Pela descrição da quantidade de pessoas acometidas pela patologia, algumas entidades assistenciais, também não governamentais, assumiram o papel de agentes de defesa de direitos dessas pessoas, por isso a grande reportagem contou com a participação da APAE (Associação de Pais e Amigos Especiais) de Bauru. Mas e a psicologia, como vê a síndrome de Down? Para obter essa resposta, contamos com uma doutora e professora em psicologia, destacando que somos todos iguais, que temos direitos iguais, comentando o papel importante da família seja em que molde for, e os dois personagens que estão presente em quase todo tempo, falam logo em seguida sobre sua relação com seus familiares.

Um dado momento da reportagem, um das mães se emociona ao falar das dificuldades que encontrou há 18 anos quando descobriu a patologia da filha, uma época final dos anos 90 com pouca informação sobre o tema. Dessa forma, foi abordada a importância de se buscar orientação, proposta pela doutora em psicologia, e uma das mães termina a participação de falas se colocando à disposição de outras mães, outras famílias que precisem de apoio.

A grande reportagem em seu final termina com a imagem do repórter, as duas mães e os dois personagens com síndrome de Down, um outro texto do repórter é narrado que com síndrome de Down ou não, somos todos iguais, e apenas as características são diferentes, concretizando o sonho deste pesquisador de ampliar a voz dos cidadãos.

#### 4.1 VEICULAÇÃO DA GRANDE REPORTAGEM

A veiculação da Grande Reportagem sobre síndrome de Down, por se tratar de uma questão social, com prioridade à inclusão e promoção dos direitos de pessoas com essa patologia, se assemelha ao programa jornalístico Conexão Repórter. O programa tem formato de jornalismo investigativo e de defesa dos direitos dos cidadãos, segundo informações contidas no site oficial do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), emissora que o programa é veiculado.

O programa, que está no ar desde 4 de março de 2010 é apresentado pelo jornalista Francisco Roberto Cabrini, que já foi correspondente internacional da Rede

Globo em Londres e Nova York, ganhou os principais prêmios como repórter investigativo (Esso, APCA, Líbero Badaró, Imprensa, Tim Lopes e Vladimir Herzog) e cobriu seis guerras.

Segundo informações do site da emissora do empresário e apresentador Silvio Santos (SBT, 2016), o jornalista Roberto Cabrini iniciou sua carreira aos 16 anos de idade em uma rádio e um jornal do interior de São Paulo e, aos 17, foi contratado pela TV Globo como o repórter mais jovem do telejornalismo de rede do país, inicialmente atuando como repórter esportivo.

Em três décadas de profissão, já ganhou praticamente todos os prêmios importantes e já cobriu seis guerras internacionais (Afeganistão, Iraque, Palestina, Camboja, Caxemira e Haiti); participou de cinco Olimpíadas e cinco Copas do Mundo. É considerado um dos principais jornalistas brasileiros, especializado em jornalismo investigativo, coberturas de guerra e principalmente de defesa dos direitos humanos, o que dialoga com o objetivo desta pesquisa acadêmica com um produto jornalístico televisivo.

## 4.2 PÚBLICO-ALVO

A grande reportagem sobre síndrome de Down, a relação com a família e com a sociedade é destinada a todo tipo público porque, segundo Wernceck (1992), a patologia atinge todas as raças e continentes, não importando sua localização geográfica, renda per capita, condições de higiene ou nutrição. Ainda segundo a autora, a falta de informação prejudica na inclusão dessas pessoas, sendo assim é importante que todas as pessoas tenham acesso.

## 4.3 PRODUÇÃO

A produção começou a partir da pauta, foram feitos contatos com as fontes para o convite de contribuírem com este trabalho. Todos pretendidos aceitaram participar concedendo entrevistas, que foram agendadas previamente, com local, data e horário, conforme Apêndice A. As fontes são imprescindíveis para qualquer repórter, manter a boa relação com as mesmas faz parte dos princípios jornalísticos. (LAGE, 2002).

Repórter e cinegrafista se deslocaram em veículo automotivo para os locais agendados, com equipamentos necessários para as gravações e captações de imagens. As gravações ocorreram em diversos ambientes, como: residência, local de trabalho, ambiente escolar.

A finalização da reportagem foi realizada na ilha de edição da TV Acadêmica pelo técnico Yuri Kufa, funcionário efetivo da Universidade do Sagrado Coração, com definições de marcações e roteiro feitos pelo repórter e pesquisador deste projeto. Os OFFs foram gravados no estúdio da Rádio USC, com apoio técnico de Alex Costa, funcionário efetivo da Universidade do Sagrado Coração. Também foram utilizadas trilhas sonoras gratuitas, livres de direitos autorais, disponibilizadas na internet.

Antes dos últimos ajustes, a professora Mestre Mayra Fernanda Ferreira, funcionária efetiva da Universidade do Sagrado Coração, assistiu ao produto para pontuar ajustes técnicos, narração, texto, uma vez que é a orientadora do projeto.

Cabe ressaltar que todos os personagens assinaram o termo de consentimento do uso de voz, imagem para a divulgação do material produzido, seja em que veículo for, como consta no Apêndice D.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a execução deste projeto, foi possível tomar ciência de que, segundo Schwartzman (1999), infelizmente, os indivíduos que tinham algum tipo de deficiência relacionada à mente não eram bem aceitas pela sociedade nas civilizações antigas. Já na sociedade atual, as agências de saúde e organizações não governamentais lutam para que esses seres humanos com algum tipo de deficiência sejam tratadas com respeito e dignidade pelas pessoas que não têm nenhum tipo de deficiência, muito embora, essa realidade possa ainda estar um pouco distante.

Porém, através da formação em comunicação social, é preciso assumir o compromisso de que o jornalismo caracterizado enquanto cidadania e inclusão são fundamentais para uma sociedade menos injusta e com mais respeito a todos os cidadãos. Através da pesquisa deste projeto, constatou-se que, na sociedade contemporânea, a impressão que se tem é que atividade jornalística é como uma máquina simbiótica que tem por objetivo vender seu produto - a notícia, enquanto que na verdade essa atividade exercida por um jornalista deveria ser de um agente transformador da sociedade e, através de sua profissão, sensibilizar e criar alternativas de modificação do contexto social.

Os jornalistas, enquanto principais responsáveis pela seleção da informação e construção noticiosa, muitas vezes não podem desenvolver um papel cidadão de maneira adequada: o fator mercadológico e empresarial limita uma atuação significativa desses profissionais. A necessidade é a atuação concreta dos jornalistas para se preservar a função democrática da atividade jornalística, porque, se persistem as questões mercadológicas, mesmo após o advento das tecnologias digitais onde as pessoas são “livres” para publicarem o que querem, a imprensa perde e a sociedade também.

Na televisão, as práticas de reportagem são feitas a partir de técnicas do próprio jornalismo, que são necessárias para garantir a qualidade, porém, em muitos casos em competição no mercado brasileiro, acaba deixando bons jornalistas sem estímulo na realização plena do jornalismo. Não se pode aceitar mais que os meios de comunicação e a mídia, que é considerada como o quarto poder para as pessoas, parem de desempenhar sua função propriamente para a sociedade, fazendo dela um meio apenas para atingir interesses específicos.

O jornalismo precisa atuar com caráter social e procurar intervir, na tradicional relação noticiosa e informativa, redefinindo práticas de produção dos conteúdos e assim promovendo igualdade de direitos. É necessário adotar novas rotinas profissionais que fomentem a comunicação entre os cidadãos, não permitir que eixos que guiam o fazer jornalístico sejam derrotados pelas forças estruturais mercadológicas baseadas em interesses das elites nacionais, locais ou regionais.

Foi a partir dessas problematizações que surgiu o tema deste projeto, colocar em pauta a patologia síndrome de Down, porque somos todos iguais, com características diferentes, apenas isso. Desenvolver este projeto permitiu um mergulho em histórias que colaboraram para o crescimento e o desenvolvimento do que foi aprendido em sala de aula. Realizar as entrevistas trouxe a oportunidade de conhecer novas histórias, exercer o papel cidadão enquanto jornalista e a possibilidade de colocar em prática a teoria adquirida nesses últimos anos, e ser uma pessoa, um ser humano melhor a cada dia.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2001.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: Os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

CRUZ NETO, João Elias da. **Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar**. Petrópolis: Vozes, 2009.

DUARTE, José; BARROS, Antônio de. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2012.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 04 ago. 2007.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARQUES, Jairo. **Acessibilidade, esporte e inovação na Sociedade do Conhecimento**. Palestra proferida no Comunica 2016 na Universidade do Sagrado Coração. 12 abr. 2016.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história**. Salvador: Vozes, 2000.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ROTHBERG, Danilo. **Jornalismo público: informação, cidadania e televisão**. São Paulo: Unesp, 2011.

SBT. **Conexão Repórter**, c2016. Apresenta informações sobre os programas da emissora. Disponível em: <[www.sbt.com.br/conexaoreporter](http://www.sbt.com.br/conexaoreporter)>. Acesso em: 09 set. 2016.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Síndrome de Down**. São Paulo: Memon, 1999.

SÍNDROME de Down: o que é. **Movimento Down**, c2014. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/o-que-e/>>. Acesso em: 09 set. 2016.

TORRES, Bolívar. Dominique Wolton, sociólogo: 'Quando todos falam, ninguém fala'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 de set. 2014. Sociedade. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/dominique-wolton-sociologoquando-todos-falam-ninguem-fala-13994845>>. Acesso em: 22 mar. 2016.


UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO. Guia para Normalização de Trabalhos Acadêmicos. Bauru, 2015. Disponível em: <<http://www.usc.br/guia-de-normatizacao/>>. Acesso em: 10 set. 2015.

WERNECK, Cláudia. **Muito prazer, eu existo**: Síndrome de Down para leigos. São Paulo: Memnon, 1992.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

YORKE, Ivor. **Telejornalismo**. 4. ed. São Paulo: Roca, 2006.

## APÊNDICE A – Pauta

	RETRANCA	VT SÍNDROME DE DOWN	<b>Data de produção</b>  <b>20/03/2016</b>
	PRODUTOR	WILL ARAÚJO	

### MARCAÇÕES

**Equipe:** Wil Araújo (Repórter), Yuri Kuffa (Cinegrafista)

**Entrevistados:**

**Salete Afonso** (Psicóloga coordenadora do Centro de Atendimento Psicopedagógico Especializado da APAE Bauru)

Avenida José Henrique Ferraz 20-20, Granja Cecília – Bauru-SP.

CEP 17054-697 – Contatos (14) 3106-1252

Sexta-feira dia 29/04/2016 às 16h30

**Dra. Olga Rolin** (Psicóloga UNESP)

Rua Mario Dias 12-33 Centro – Bauru-SP.

CEP 17055-440 - Contatos (14) 3103-6000 / 99652-7804 e-mail [olgarolim@fc.unesp.br](mailto:olgarolim@fc.unesp.br)

Quarta-feira dia 27/04/2016 às 16h30

**Dra. Érika Pimentel Lobo Assunção** (Médica pediatra)

Rua Rio Branco 13-83, Centro – Bauru-SP.

CEP 17015-311 – Contatos (14) 3223-1190 / 3241-0540 / 98821-9909

Sexta-feira dia 13/05/2016 às 14h

**Arthur Bento de Souza** (11 anos, estudante)

**Marcela Bento de Souza** (professora e mãe)

Rua Araguaia de Lima 15-22, Centro – Bauru-SP.

CEP 17022-310 – Contatos (14) 98821-3309

Quarta-feira dia 20/04/2016 às 17h

**Jéssica Aparecida Ferreira dos Santos** (15 anos, estudante)

**Aparecida de Souza Santos** (dona de casa e mãe)

Rua Arnaldo Rodrigues de Menezes 16-76, Jaraguá – Bauru, SP.

CEP 17066-450 – Contatos (14) 98808-8414 / 99637-9134

Quarta-feira 04/05/2016 às 17h30

### PROPOSTA

Contar a história de pessoas com Síndrome de Down, mostrando a vida delas e a relação com a família e com a sociedade.

**ENCAMINHAMENTO**

Produzir uma grande reportagem de 18 a 20 minutos e revelar através das entrevistas, como Arthur Bento de Souza de 11 anos e Jéssica Aparecida Ferreira dos Santos de 15 anos se desenvolvem, vivem e convivem com seus familiares e amigos em meio à sociedade.

Descobrir de um dos entrevistados responsável como reagiram ao receberem a notícia que seu filho ou familiar tem a patologia.

Buscar informações sobre a inclusão social e as dificuldades que as pessoas com a síndrome encontram.

A reportagem deverá ainda ser esclarecedora sobre a patologia Síndrome de Dow, com explicações médicas e científicas.

A linguagem deverá ser para todo seguimento de público, por se tratar de um tema presente em todas as classes sociais.

**SUGESTÃO DE IMAGENS**

APAE de Bauru

Gravar os entrevistados com síndrome de Down, descontraídos em suas atividades rotineiras, no ônibus, de carro ou a pé. Na escola, ou em casa com a família, amigos.

**INFORMAÇÕES**

A síndrome de Down é um transtorno genético que ocorre quando uma divisão celular irregular resulta em material genético extra no cromossomo 21.

A patologia foi descrita pelo médico inglês John Langdon Down, em 1866, daí o nome síndrome de Down.

Os seres humanos têm 23 pares de cromossomos (carregam as informações genéticas), um membro de cada herdado da mãe, outro do pai. \* Fonte – USP-SP.

A pessoa nesta condição de Síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, tem 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maior parte da população.

Ocorrem mais de 150 mil casos por ano no Brasil, segundo informações do Hospital Albert Einstein.

A síndrome de Down causa uma aparência facial específica, deficiência mental, retardos no desenvolvimento e pode estar ligada a doenças da tireoide e do coração.

Jéssica e Arthur têm Síndrome de Down e moram com seus familiares.

Sugestão de perguntas:

**Dra. Olga**

Como a psicologia vê a síndrome de Down?

Como a Senhora avalia a relação de pessoas com síndrome de Down com a família?

Como a sociedade deve se comportar ou agir com uma pessoa com a síndrome de Down?

**Salete (APAE)**

A inclusão social dessas pessoas ocorre de que maneira?

Quais atendimentos a pessoa com a síndrome de Down recebe na APAE?

**Dra. Érica**

Dra. como podemos compreender melhor o que é a síndrome de Down?

O que caracteriza basicamente a síndrome de Down?

A consulta médica precisa ser diferenciada?

Uma pessoa com síndrome de Down pode ter autonomia em suas atividades?

**Marcela**

Quando você soube que o Artur tinha a síndrome de Down? Como foi?


Como é a relação dele com vocês, com os amigos, no ambiente escolar?

**Cida**

Como você soube da síndrome de Down da Jéssica?

Como foi a recepção da sua família?

## APÊNDICE B – Roteiro Finalizado – Lauda

	<b>Título:</b>	Grande Reportagem: Síndrome de Down.	<b>Tempo</b>
	<b>Roteiro:</b>	Will Araújo	19'18"

<b>VÍDEO</b>	<b>TEC</b>	<b>AUDIO</b>
<p>GC: Síndrome de Down, Somos todos iguais com características diferentes.</p> <p>Imagens Jéssica e Arthur Sorrindo</p> <p>Imagem Arthur</p> <p>Imagem Jéssica</p> <p>Imagem chegando à casa do Arthur. (vídeo 1238) 07" até 19" – 32" até 40" – 47" até 1'04"</p> <p>Imagem entrevista Marcela. (vídeo 1242) 10"até 31"</p> <p>GC: Translucêncianucal</p> <p>GC: Marcela Bento de Souza (professora e mãe do Artur)</p> <p>Imagem caminhada Repórter e Dona Cida. (vídeo 1269) 5" até 25"</p>	<p>OFF</p> <p>SON</p> <p>OFF</p>	<p>Síndrome de Down: Somos todos iguais com características diferentes. Arthur 12 anos, mora com os pais e seu irmão Conhecer Artur e sua família nos torna pessoas melhores</p> <p>Jéssica 18 anos, mora com a mãe, o padrasto e a irmã. Conhecer Jéssica e sua família nos revela que somos todos iguais com características diferentes.</p> <p>Para conhecer Artur, nós fomos até a casa dele. A mãe esbanja alegria, Arthur é cheio de carinho, gentil e amável.</p> <p>A Marcela é professora e nos conta um pouco de sua história. Ela descobriu que o primeiro filho teria a Síndrome de Down ainda na gestação em um exame de ultrassom que normalmente é feito entre 11 e 14 semanas de gravidez, chamado Translucência , que mede o crânio do feto.</p> <p>Sonora - Entrevista Marcela: (vídeo 1242) 54"até 1' 39"</p> <p>OFF 5: Para conhecer Jéssica, também fomos até a casa dela, lá fomos bem recebidos pela mãe, a Dona Cida, que com muita simpatia nos deixou bem à vontade para ouvirmos a sua história de vida. Dona</p>



GC: Aparecida de Souza Santos (dona de casa e mãe da Jéssica)	SON	Cida só soube que a Jéssica tinha síndrome de Down, após o seu nascimento. Sonora entrevista Cida: (vídeo 1276) 4" até 36" –
Passagem repórter:	PAS	Passagem repórter:
GC: Will Araújo (Bauru-SP)		A síndrome de Down segundo estimativas do IBGE, afeta pelos menos trezentas mil pessoas no Brasil. A pessoa com síndrome de Down ao invés de 46 cromossomos tem 47 por um erro na divisão celular durante a concepção, e ainda não se sabe o porquê isso acontece.
Animação	OFF	A patologia foi descrita pelo médico inglês John Langdon Down, em 1986, daí o nome síndrome de Down. Fomos conversar com a Dra. Érica que é pediatra, ela diz que a síndrome de Down ocorre por causa de uma alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais em uma pessoa. Os cromossomos carregam as informações genéticas, sendo 23 da mãe e 23 do pai.
Imagem repórter indo ao consultório Dra. Érica: (vídeo 1311) 2" até 20 " – (vídeo1309) 12" até 45"		
GC: Érica Pimentel (médica pediatra)	SON	Sonora entrevista Dra. Érica (1309) 35" até 45" – 3' até 3' 25" – 1' 34" até 1' 48"
Imagens Jéssica, Cida e Artur.	OFF	Muitas mães ficam preocupadas, mas a Dra. Érica explica que a vida de uma pessoa com síndrome de Down, mesmo com alguns atrasos mentais e maior possibilidade de problemas cardíacos, se seguirá normalmente.
Entrevista Dra.Érica	SON	Sonora entrevista Dra. Érica (1309) 4' 17" até 4' 30"

Imagens entrevista Marcela: (vídeo 1243) 1'30" até 1'48" Fotos Arthur bebê.	OFF	Marcela chorou muito durante a gestação, se sentia triste porque era algo desconhecido, mas quando Arthur nasceu a alegria tomou conta e o sorriso estampou seu rosto.
Entrevista Marcela (vídeo 1242)	SON	Sonora - Entrevista Marcela: (vídeo 1242) 1'44" até 2'13"
Imagem entrevista Cida: (vídeo 1276) 2'30" até 2'40"	OFF	Já para Dona Cida que morava em um sítio na época, não aconteceu o mesmo. Ela ficou 3 meses em depressão e procurou ajuda e apoio em outras mães.
Entrevista Cida (vídeo 1276)	SON	Sonora - Entrevista Cida: (vídeo 1276) 1'08" até 1' 21"
Imagens APAE (vídeo 1261) 3' 09" até 3'28 – 3'50 até 3'57	OFF	A Dona Cida procurou o apoio da APAE Bauru, que atua em defesa de direitos, com ações desenvolvidas para inclusão social das pessoas com deficiência. A APAE Bauru visa contribuir para os direitos e respeito à dignidade humana, como garante a Constituição Federal de 1988.
Entrevista Salete: (vídeo 1259) GC: Salete Afonso (Psicóloga Coordenadora Apae Bauru)	SON	Sonora - Entrevista Salete: (vídeo 1259) 6" até 36"
Imagens caminhando com a Dra. Olga: (vídeo 1258) 16" até 21"	OFF	Além dos direitos constituídos, a psicologia vê as pessoas com Síndrome de Down como um ser humano como os demais.
Entrevista Dra. Olga: (Vídeo 1256) GC: Dra. Olga Rolim (Psicóloga UNESP Bauru)	SON	Sonora entrevista Dra. Olga: (Vídeo 1256) 14 " até 45 "

<p>Imagens entrevista Dra. Olga (vídeo 1256) 7'20" até 7' 38" Imagens Jéssica e Artur</p>	OFF	<p>As crianças com Síndrome de Down têm direitos como todos, como, irem para escola, seja de educação especial ou não. Elas são capazes como as demais, o apoio da família, seja em que molde for, ajuda muito em seu desenvolvimento.</p>
<p>Sonora - Entrevista Olga: (Vídeo 1256)</p>	SON	<p>Sonora - Entrevista Olga: (Vídeo 1256) 3' 09" até 3" 29" – 3'51" até 4' 37"</p>
<p>Sonora - Entrevista Salete: (vídeo 1259)</p>	SON	<p>Sonora - Entrevista Salete: (vídeo 1259) 5'51" até 6'40" - 6'57" até 7' 36"</p>
<p>Imagens casa Arthur, Jéssica: (vídeo 1254) 1" até 5 "(vídeo 1253) 0" até 1" (vídeo 1255) 1" até 4 " (vídeo 1246) 32" até 38" (vídeo 1276) 1' 28" até 1'32" (1242) 2'05" até 2'08"</p>	OFF	<p>As famílias de Arthur e Jéssica aprenderam a apostar neles, entenderam que são capazes. Felipe de 9 anos é o irmão mais novo de Arthur, ele lê para ele antes de dormirem, um relação de irmãos, onde notoriamente se percebe o amor, uma relação recíproca.</p>
<p>Entrevista Arthur: (vídeo 1246) GC: ArtHur Bento de Souza (estudante)</p>	SON	<p>Sonora - Entrevista Arthur: (vídeo 1246) 33" até 51"</p>
<p>Imagens Arthur com game: (vídeo 1248) 1" até 06" – 24" até 33" (vídeo 1250) 1" até 5"</p>	OFF	<p>Arthur além de estudar, ler, cumprir com as tarefas do dia a dia, como toda criança , também precisa do momento de brincar. Ele gosta de jogar game, uma atividade muito comum nessa idade, e tem uma bela coleção de carrinhos.</p>

<p>Imagens indo buscar Jéssica: (vídeo 1269) 45 " até 1' 15" (vídeo 1270) 1" até 44 "</p>	OFF	<p>A família de Jéssica também passou a apostar nela, porque como disse a Dra. Olga, ela é uma pessoa normal. Quando fomos à casa da Jéssica, ela ainda não havia chegado da escola, era por volta de cinco e meio da tarde. Quando faltavam 10 minutos para as 6 horas, Dona Cida nos chamou para acompanhá-la até ao ponto de ônibus onde a Jéssica desce. Ela faz isso todos os dias em que tem aula. Enquanto conversávamos nosso cinegrafista percebe que o ônibus vem chegando. Depois de nos dar um abraço, ela se despede do motorista e vamos a caminho de sua casa.</p>
<p>Imagens indo para casa de Jéssica (vídeo 1271) 4" até 1' 1"</p>	OFF	<p>A caminho da casa, ela vai nos contando como foi seu dia de aula. Sobe cumprimentando quem esta na rua. Dona Cida, vai nos contando que a Jéssica é muito querida pelos vizinhos.</p>
<p>Imagens entrevista Jéssica: (vídeo 1275) 51" até 58"</p>	OFF	<p>Jéssica tem uma irmã mais velha. Ao perguntarmos se ela gosta da irmã, ela responde de imediato que sim.</p>
<p>Sonora entrevista Jéssica: (vídeo 1275) GC: Jéssica Aparecida Ferreira dos Santos (Estudante)</p>	SON	<p>Sonora entrevista Jéssica: (vídeo 1275) 1" até 4" – 14" até 1"12"</p>
<p>Imagens entrevista Dona Cida e Jéssica: (vídeo 1276) 4' até 4' 15</p>	OFF	<p>E as irmãs Jéssica e Fernanda como acontece com a maioria das irmãs, também disputam sapatos, roupas.</p>

Sonora - Entrevista Jéssica e Dona Cida (vídeo 1276)	SON	Sonora - Entrevista Jéssica e Dona Cida: (vídeo 1276) 4'32" até 4' 54"
Imagens entrevista Dona Cida: (vídeo 1276) 4'40" até 4' 55" – 5'51" até 6'40"	OFF	Hoje em dia, já esta tudo bem, mas quando estávamos falando sobre a relação da irmã e da família com Jéssica, ela volta ao tempo e se lembra de algumas dificuldades que encontrou há 18 anos, independente do preparo de um profissional para lhe dizer sobre o assunto, ela diz que não estava preparada.
Sonora - Entrevista Dona Cida (vídeo 1276)	SON	Sonora - Entrevista Dona Cida: (vídeo 1276) 6'34" até 7' 25"
Imagens Dra. Olga (video 1256)	OFF	Buscar orientação é, então, um passo muito importante.
Sonora entrevista Dra. Olga: (vídeo1256)	SON	Sonora entrevista Dra. Olga: (vídeo 1256) 2" até 1'20
Imagens entrevista Marcela: (vídeo 1242) 7' até 7' 10"	OFF	Justamente pelo que aconteceu com Cida, que Marcela se dispõe a ajudar outras mães. Ela precisou da Associação amigos Down e hoje faz parte dela, não importa onde a mãe esteja, ela vai, compartilha as experiências e relata que uma pessoa com a patologia Síndrome de Down é uma pessoa como as demais.

<p>Sonora entrevista Marcela: (Vídeo 1242)</p> <p>Animação imagem Pausa Will (repórter), Imagem Pausada Marcela, Imagem Pausada Arthur, Imagem Pausada Cida, Imagem Pausada Jéssica</p> <p>GC na animação: Somos Todos Iguais.</p> <p>Tela finalização com trilha          Produção: Will Araújo          Imagens: Yuri Kufa          Roteiro: Will Araújo          Animação: Yuri Kufa          Edição e Finalização: Yuri Kufa          Orientação: Prof:ª Mª. Mayra Fernanda Ferreira          Apoio: TV Acadêmica USC          Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo</p>	<p>SON</p> <p>OFF</p>	<p>Sonora entrevista Marcela: (Vídeo 1242) 8'13 até 10' 32''</p> <p>Então mães, não se assustem, somos todos iguais. Note que a diferença esta apenas em nossas características. Eu sou Will e tenho cabelos escuros, a Marcela cabelos loiros, o Arthur bem parecido com a cor dos meus, Já a Cida cabelos com tom vermelho e a Jéssica, loiro escuro.</p>
---	-----------------------	---

Universidade do Sagrado Coração Bauru 2016 Final: Logo TV USC – Bauru, SP.		
--	--	--

## APÊNDICE C – Grande Reportagem



## APÊNDICE D – Termo de Consentimento



### Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor a grande reportagem “Síndrome de Down: A relação com a família e com a sociedade demonstradas em uma grande reportagem de TV”, desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico da instituição, com fins didático-pedagógicos.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 01 de junho de 2016.

Assinatura

Nome:	Marcella Maximino Bento e Souza
Endereço:	Rua Nicotau Delapelle, 12-44
Cidade:	Bauru - SP
RG Nº:	25.570.158-5
CPF Nº:	195.475.219-02
Telefone para contato:	98821 3309
E-mail:	maxsouza@lwtmail.com



### Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor a grande reportagem "Síndrome de Down: A relação com a família e com a sociedade demonstradas em uma grande reportagem de TV", desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico da instituição, com fins didático-pedagógicos.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 01 de Junho de 2016.

Assinatura

Nome:	Arthur Bento e Souza
Endereço:	Rua Nicolau Delgado, 12-44
Cidade:	Bauru
RG Nº:	50.425.014-0
CPF Nº:	394482508-0
Telefone para contato:	98821 3309
E-mail:	marthurfe@hotmail.com

Eu, Marcella Máximo Bento e Souza, RG 25510.158-5, autorizo e assino pelo meu filho.



### Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor a grande reportagem "Síndrome de Down: A relação com a família e com a sociedade demonstradas em uma grande reportagem de TV", desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico da instituição, com fins didático-pedagógicos.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 03 de junho de 2016.

*Marcela*

Assinatura

Nome:	Seiçipe Bento e Souza
Endereço:	Rua Nicotau Delagado, 12-44
Cidade:	Bauru
RG Nº:	57.678.205-4
CPF Nº:	471626828-47
Telefone para contato:	988213309
E-mail:	marthunfe@hotmail.com

Eu, Marcela Maximino Bento e Souza, RG 25.570.158-5, autorizo e assino pelo meu filho.



### Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor a grande reportagem "Síndrome de Down: A relação com a família e com a sociedade demonstradas em uma grande reportagem de TV", desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico da instituição, com fins didático-pedagógicos.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 04 de maio de 2016.

*Aparelido de Souza Fontes*

Assinatura

Nome:	Aparelido de Souza Fontes
Endereço:	Rua Arnaldo Rodrigues de Azevedo 36-17
Cidade:	Bauru - SP
RG Nº:	14.323.950-8
CPF Nº:	120.143.658-30
Telefone para contato:	(14) 99637-9134
E-mail:	



### Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor a grande reportagem "Síndrome de Down: A relação com a família e com a sociedade demonstradas em uma grande reportagem de TV", desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico da instituição, com fins didático-pedagógicos.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 04 de maio de 2016.

*Spauluete de Souza Santos*

Assinatura

Nome:	<i>fernanda Aparecida fernanda dos Santos</i>
Endereço:	<i>Rua Arnaldo Rodrigues de Menezes 16-17</i>
Cidade:	<i>Bauru - SP</i>
RG Nº:	<i>45.523.430-9</i>
CPF Nº:	<i>228.402.458-09</i>
Telefone para contato:	<i>(14) 99637-9134</i>
E-mail:	

*Eu Spauluete de Souza Santos Rq 14-3238508  
na qualidade de mãe autorizo a  
participação da minha filha Jessica*



### Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor a grande reportagem "Síndrome de Down: A relação com a família e com a sociedade demonstradas em uma grande reportagem de TV", desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico da instituição, com fins didático-pedagógicos.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 27 de abril de 2016.

  
Assinatura

Nome:	OLGA MARIA PIAZZENTIN KLIM RODRIGUES
Endereço:	Av. Edmundo Coube, 14-1
Cidade:	Bauru / SP
RG Nº:	5547486
CPF Nº:	538.325.748-91
Telefone para contato:	(14) 3103 6087
E-mail:	olgasolin@fc.unesp.br



### Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor a grande reportagem "Síndrome de Down: A relação com a família e com a sociedade demonstradas em uma grande reportagem de TV", desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico da instituição, com fins didático-pedagógicos.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 29 de abril de 2016.

Assinatura

Nome:	SALETE REGIANE MONTEIRO AFONSO
Endereço:	RUA: CHRISTIANO PASANI, 10-49 Jd. 4 F
Cidade:	BAURU
RG Nº:	26.289.057-2
CPF Nº:	158.225.178-97
Telefone para contato:	997958163
E-mail:	saletesri.afonso@gmail.com



### Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz e Nome

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz e nome por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor a grande reportagem "Síndrome de Down: A relação com a família e com a sociedade demonstradas em uma grande reportagem de TV", desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração. E que estas sejam destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico da instituição, com fins didático-pedagógicos.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros). Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a USC ou terceiros por esses expressamente autorizados.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Bauru, 03 de junho de 2016.

*Erika Limentel*  
Assinatura

Nome:	<i>Erika Limentel Lobo Assunção</i>
Endereço:	<i>Rua Araújo Leite 23-32 apt 62</i>
Cidade:	<i>BAURU</i>
RG Nº:	<i>21281156-3</i>
CPF Nº:	<i>158310168-38</i>
Telefone para contato:	<i>981219909</i>
E-mail:	<i>erikalobo@hotmail.com</i>